

Música na revista *O Pasquim* no ano de 1973: O crítico Júlio Hungria

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC

SUBÁREA: Musicologia

André Egg

Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR)- Campus de Curitiba II
andre.egg@unespar.edu.br

Matheus de Souza Moro

Universidade Estadual do Paraná(UNESPAR)- Campus de Curitiba II
matheusmoro76@gmail.com

Resumo. Este artigo é o resultado de pesquisa que se propôs a mapear os textos de crítica musical publicada no Semanário *O Pasquim* no ano de 1973. Foi elaborado um sumário, a partir do qual notou-se a colaboração expressiva do jornalista, crítico, produtor musical e publicitário Julio Hungria. Seus textos passaram a ser o foco da análise. Foi estudado *O Pasquim* em relação com o período do Regime Militar, e como parte do fenômeno da Imprensa Alternativa. A pesquisa foi realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A partir das análises percebe-se que *O Pasquim* se mostrou favorável à inovação musical, e que o crítico Julio Hungria abordou a novas necessidades e formatos de produção musical, analisou o mercado internacional e criticou a falta de atualização do mercado fonográfico brasileiro. Esteve atento também às tensões entre os novos artistas e as empresas que controlavam o mercado, tanto da indústria fonográfica quanto da televisão. Veículos de imprensa alternativa como *O Pasquim*, ao não se preocuparem com a própria viabilidade econômica ou política, mantiveram postura mais independente e deram muito mais poder de crítica aos seus colaboradores.

Palavras-chave: Imprensa alternativa, *O Pasquim*, Crítica musical, Julio Hungria

Music in *O Pasquim* 1973: The Critic Júlio Hungria

Abstract. This paper results from a research that aimed to identify the texts of music criticism that appeared in the weekly newspaper *O Pasquim* in 1973. From the summary, it was noted the expressive collaboration of the journalist, critic, music producer and publicist Julio Hungria. His texts became the focus of analysis. *O Pasquim* was examined in relation to the Military Regime, as part of the phenomenon of the Alternative Press. The research was carried out in the Digital Hemeroteca of the National Library. Based on the analysis, it is observed that *O Pasquim* was favorable to musical innovation, and the critic Julio Hungria addressed the new needs and formats of musical production, analyzed the international market and criticized the lack of updating of the Brazilian phonographic market. He was also attentive to the conflicts between the new artists and the companies that controlled the market, both in the music industry and television. Alternative press media such as *O Pasquim*, by not worrying about their own economic or political viability, maintained a more independent stance and gave much more critical power to their collaborators.

Keywords. Alternative press, *O Pasquim*, Music criticism, Júlio Hungria

Introdução

A pesquisa surgiu de um interesse em mapear textos sobre música e analisar a crítica musical e o entendimento sobre música popular brasileira no semanário *O Pasquim*, que se enquadrava nos moldes de uma Imprensa Alternativa. O ano escolhido para a pesquisa foi o de 1973, quando o país passava por um período dos mais repressivos os jornais nanicos ou alternativos faziam parte da luta contra a repressão do Regime Militar (1964-1985). A pesquisa fez parte de um conjunto de abordagens em *O Pasquim*, cada uma dedicada a um conjunto anual do periódico, englobando os anos de 1970 a 1973.

A decisão de pesquisar neste periódico foi favorecida por sua disponibilização, em 2019, pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O acervo completo da revista foi digitalizado e tornou-se acessível a pesquisadores através do sítio da Hemeroteca, mediante a ferramenta *Doc Reader*, que permite a navegação entre os números do periódico e a visualização das páginas em vários graus de ampliação.

A importância de pesquisar em *O Pasquim* consiste principalmente em mapear a crítica musical neste periódico e verificar como essa produção se articula com questões que foram alvo de debate na década de 1970. A pesquisa investigou quem eram os críticos atuantes no periódico, quais os temas mais recorrentes, os artistas mais valorizados, os mais combatidos, que linhas ideológicas de crítica musical podem ser identificadas na revista tendo em mente principalmente conceitos opositivos como tradição e modernidade ou nacional e estrangeiro.

Materiais e métodos

A pesquisa foi desenvolvida a partir das propostas de Tânia De Luca (2008), autora que nos ajuda a compreender a importância das fontes impressas – jornais e revistas, na investigação e análise de acontecimentos socioeconômicos e culturais e no entendimento de um período histórico.

Para trabalhar a relação de *O Pasquim* com o período do Regime Militar utilizamos o livro de Marcos Napolitano (2014). Para a compreensão do fenômeno da Imprensa Alternativa foi estudado o livro *Imprensa Alternativa: apogeu, queda e novos caminhos* (2005), e o Livro

de Bernardo Kucinski (1991). Sobre o estilo de escrita, design e ilustrações recorreu-se a dois trabalhos acadêmicos: a dissertação de mestrado de Ruth Martínez Rejala (2014) e o artigo de Carmen Regina Schons e Cinara Sabadin Dagnese (2011). O livro de entrevistas de Tarik Souza (2011), que traz um compilado de entrevistas com músicos, intérpretes e compositores, serviu para comparações e análise das críticas publicadas no jornal.

Foi realizada uma pesquisa exploratória nos 52 exemplares do ano de 1973, a partir disso foi elaborado um sumário relacionando todos os textos sobre música. Percebeu-se nessa coleta de dados a relevância das críticas de Julio Hungria, e o crítico tornou-se o objeto da pesquisa.

Resultados e discussões

A expressão “alternativa” é utilizada como algo de segunda via, uma segunda opção geralmente oposta a uma outra, sendo assim nas décadas de 1960 e 1970 os jornais nancicos e alternativos cumpriam esse papel antagônico ao Regime Militar, onde procuravam denunciar a censura, a tortura e toda a retirada de direitos. Nessas duas décadas o fenômeno da Imprensa Alternativa se proliferou como a voz de uma oposição praticamente extinta, duramente combatida.

“Durante os quinze anos de ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar” (KUCINSKI, 1991, p.05). Segundo a extensa pesquisa de Bernardo Kucinski, este número ainda é relativo aos jornais e revistas que tiveram algum certo protagonismo não entrando as publicações que sobreviveram por pouco tempo. Analisando por esse prisma Kucinski afirma:

Nos períodos de maior depressão das esquerdas e dos intelectuais, cada jornal funcionava como ponto de encontro espiritual, como pólo virtual de agregação e desagregação no ambiente hostil da ditadura. Pode-se traçar assim, uma demarcação entre imprensa convencional e imprensa alternativa no Brasil pelos seus papéis opostos como agregadores e desagregadores da sociedade civil, em especial, dos intelectuais, jornalistas e ativistas políticos. Conforme um raciocínio original de Elizabeth Fox, a imprensa alternativa pode até mesmo ser definida como uma forma de enfrentar a solidão, a atomização e o isolamento em ambiente autoritário (KUCINSKI, 1991, p. 22).

Fora das redes alternativas de imprensa o jornalismo corporativo fazia apenas críticas pontuais a políticas do regime, dando assim um papel mais relevantes aos nanicos. Destacavam-se dentro desse espectro de jornais alternativos nomes como *Pif Paf*, *O Pasquim*, *Movimento* e *Opinião*.

O *Opinião* era um jornal ligado aos intelectuais e à esquerda nacionalista devido ao viés de seu fundador, o empresário Fernando Gasparian. O estopim para a criação do jornal foi o assassinato do deputado Rubens Paiva pelo aparelho repressivo da Ditadura. Fernando era criticado por ser empresário e industrial, mas ele publicava *Opinião* como um periódico desprovido de interesses pessoais e focado no interesse da coletividade. Para a chefia de edição ele contava com o experiente Raimundo Pereira que já fizera parte de importantes jornais como: *A Manhã*, *Folha da Tarde* e a revista *Veja*. O jornal era bem aceito até pelo fato de publicar matérias de grandes jornais internacionais como o britânico *The Guardian*, o francês *Le monde*, e o estadunidense *Washington Post*. Teve sua última publicação em abril de 1977.

Outro alternativo importante foi o jornal *Movimento*, lançado em julho de 1975, formado por Raimundo Pereira que saiu do *Opinião* por divergências com Fernando Gasparian. Juntaram-se a ele profissionais de imprensa que em solidariedade saíram da revista *Realidade*. Ao todo o jornal contou com mais 40 colaboradores entre eles: Fernando Henrique Cardoso, Francisco Buarque de Holanda, Orlando Vilas-Boas e Adélio Dantas. Seu quadro de financiadores chegou ao número de 300 pessoas, tinha um caráter democrático na tomada de decisões em seus editoriais, mesmo pelo significativo número de financiadores o jornal encerra suas atividades em 1981 devido ao déficit de suas contas.

Pioneiro e que viria a ser a base para a formação de *O Pasquim*, o *Pif Paf* foi o abrelas da Imprensa Alternativa no período do Regime Militar. O arquiteto por trás do jornal foi o cartunista e escritor Millôr Fernandes, que havia sido demitido em 1963 da revista *O Cruzeiro*. Ele possuía uma coluna de humor homônima na revista, e a demissão foi motivada pelo descontentamento de alguns setores. *Pif paf* foi fundado poucos dias depois do golpe de 1964, e foi sempre marcado pela crítica bem-humorada. Millôr definia assim a linha da publicação: “Não temos prós nem contras, nem sagrados profanos (...) cada número é exemplar, cada exemplar é um número” (IMPRENSA ALTERNATIVA, 2005, p. 29). O *Pif*

Paf teve importantes colaboradores como Claudius, Fortuna, Jaguar, Ziraldo. O jornal durou apenas 4 meses com 8 exemplares publicados. Derrotado pela censura já nos primórdios, o *Pif Paf* abriu caminho para *O Pasquim*, que começou a circular em 1969.

O novo periódico foi formado por um grupo de jornalistas, humoristas e intelectuais reconhecidos: Sergio Cabral, Tarso de Castro, Millôr Fernandes, Jaguar, Ziraldo, Moacyr Scliar, Cacá Diegues, Glauber Rocha, Sérgio Augusto, Sérgio Noronha, Fortuna, Claudius, Miguel Paiva, Paulo Francis, Luiz Carlos Maciel, Martha Alencar, Ivan Lessa, Ferreira Gullar, Henfil, Newton Carlos e Fausto Wolf, entre outros. Sobre esse rol de colaboradores podemos citar o livro *Imprensa Alternativa* (2005):

As personalidades escolhidas para dialogar com a equipe do jornal eram bem variadas. Artistas, líderes estudantis, escritores, sindicalistas e personagens das mais diversas áreas e classes sociais foram sabatinados, revelando uma pluralidade de análises do momento histórico que o Brasil vivia. Francisco Julião, Luiz Carlos Prestes, Márcio Moreira Alves, Raimundo Faoro, Alceu Amoroso Lima, D. Helder Câmara, D. Paulo Evaristo Arns, Hélio Bicudo, Ruth Escobar, Terezinha Zerbini e Paulo Mendes Campos deram seus depoimentos, assim como Paulo Autran, Maysa, Elis Regina, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Norma Benguel, entre muitos outros.(p. 41).

Publicado em formato tabloide espelhava-se em jornais americanos e europeus que tinham abordagem na contracultura, veemente crítico do Regime Militar, do moralismo latente da classe média, diferenciando-se muito dos veículos da chamada grande imprensa. Suas edições eram carregadas de ilustrações de autoria de Millôr, Jaguar, Ziraldo, Henfil entre outros.

Outra característica do jornal era o estilo de escrita, mais informal, visando expressar ideias, criticar, mostrar ao leitor uma visão do que ocorria no país durante o Regime Militar. Como explicam Schons e Dagneze: “a forte repressão imposta pela ditadura militar jogou por terra qualquer possibilidade de diálogo com a sociedade civil, produziu silenciamentos, esvaziou sindicatos, partidos, movimentos sociais, imprensa” (2011, p. 38). Sendo assim, a *Imprensa Alternativa* assumiu o importante papel de fazer surgir vozes em contraponto ao sistema repressivo.

A forma de escrita através do simbolismo transforma *O Pasquim* em um importante instrumento belicoso para tapear a censura, na medida em se diz algo não querendo dizer. Na publicação da entrevista com a atriz Leila Diniz os editores acabam se preocupando apenas

com alguns palavrões onde substituíram por asteriscos, mesmo assim a entrevista foi muito malvista pelo regime, que passou a estabelecer a censura prévia no periódico.

As entrevistas do *Pasquim* se diferenciavam do formato de outros órgãos de imprensa. No primeiro número foi publicada a entrevista com Ibrahim Sued, e o formato de publicação desta entrevista norteou todas as demais. A principal característica era publicação na íntegra a partir da entrevista gravada: a transcrição era feita sem edição.

A crítica musical e a música tiveram papel de relevância no *Pasquim*. Figuras como Sergio Cabral, Lucio Rangel, Ivan Lessa, Tarik Souza, Julio Hungria, Mariozinho Rocha e José Ramos Tinhorão contribuíram para a manutenção de uma crítica musical aguçada sem a pretensão de adular qualquer artista. Não ficaram de fora alguns dos cartunistas como Jaguar, Ziraldo, Henfil que também ajudavam a tensionar a relação com os artistas.

As entrevistas com cantores, compositores e músicos faz parte do filão do *Pasquim*. Boa parte dos críticos musicais participavam destas “sabatinas” musicais, que traziam discussões acaloradas sobre o cenário musical brasileiro. Algumas dessas entrevistas foram compiladas em livro por Tarik de Souza (2011), o que nos leva a uma viagem sobre o pensamento musical da época. Outra seção interessante do jornal era a “Dicas”, na qual vários colaboradores escreviam sobre assuntos como o lançamento de um disco e shows que aconteceriam pela cidade.

Julio Hungria foi um importante colaborador em *O Pasquim* no ano de 1973, como deduzimos a partir do sumário elaborado pela pesquisa. Mas encontramos pouca informação biográfica sobre o crítico. A pesquisa em sítios da internet traz informações como a de que ele foi o produtor do primeiro show de Bossa Nova em 1959 e no início da década de 1960 realizou trabalhos como produtor musical nas gravadoras Phillips e EMI/Odeon. Fez trabalhos gráficos em várias produções de discos na mesma década, foi também crítico musical no *Jornal do Brasil* entre 1967 e 1974.

A partir de seu envolvimento com o mercado fonográfico conquistou notoriedade nos veículos de imprensa em que escrevia suas críticas. Julio Hungria tinha um olhar na vanguarda da música popular sempre atrás do que se produzia de novo na MPB. Fez críticas contundentes às instituições musicais e a alguns artistas que ainda tinham em seu repertório músicas das décadas de 1930 e 1940. No artigo “O chá do MIS” (*O Pasquim*, nº 183, 02 a

08/01/1973, p.24), o autor critica o Conselho de Música Popular do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, que decidia os prêmios conferidos aos melhores do ano na área musical. Julio Hungria coloca em cheque os critérios para as escolhas e não acredita na importância deste tipo de premiação.

Bem atualizado sobre o que se produzia no mercado fonográfico, o autor lista uma série de lançamentos e confere destaque à coleção *Pop History* uma caixa com 12 LPs de bandas internacionais (*O Pasquim*, nº 184, 09 a 15/01/1973, p.13). Nesta crítica, comenta nomes como Cream, Jimi Hendrix, James Brown, The Who, Jack Bruce entre outros astros da música pop rock. O autor ainda ressalta a qualidade do material impresso da coleção – capa e encarte. Em contraponto critica a falta de qualidade na maioria das produções nacionais.

Outro questionamento importante feito pelo autor é a saturação do mercado musical e importância da venda direta do artista ao consumidor. Analisa o caso do público estudantil, atingido por *shows* feitos para esse nicho, o que era necessário para driblar o mercado estrangulado já que o rádio e a TV dão pouco espaço ou quase nenhum a jovens artistas. O autor entende que a produção artística feita do produtor (músico) diretamente para o consumidor (estudante universitário) seja a melhor saída.

No artigo “Recueta, Pô” (*O Pasquim*, nº 186, 23 a 29/01/1973, p.15) Julio Hungria escreve sobre a onda nostálgica – fenômeno que atingiu em cheio os artistas no início dos anos 1970. Segundo o autor não quer dizer que este retorno ao passado seja um sintoma franco de saudades do tempo que passou, mas sim a ideia de voltar as canções antigas com o objetivo de inovar, reinventar, apenas usando-as como uma referência de origem.

No Texto “Teatro contra TV?” (*O Pasquim*, nº 188, 06 a 12/02/1973, p.21) Julio Hungria escreve sobre temporadas avulsas em teatros na noite carioca e sessões extra como as da meia-noite e das segundas-feiras, que acabaram a dar um respiro de aumento de público nessas casas de espetáculos. Para o autor isso despertou interesse por alguns artistas que estavam à margem do *mainstream*. Esse remédio, no entender de Julio Hungria, salvou muitas casas de espetáculos. Neste texto o autor cita alguns artistas que conseguiram um bom público nesse formato de *shows* em teatros no ano de 1972, coisa que antes não haviam conseguido. Escreve ainda sobre a fala do produtor e empresário de Caetano Veloso e Gilberto Gil – Guilherme Araújo, que relata o recente atrito da dupla com a TV Globo por terem se

apresentado no Programa do Chacrinha na TV Tupy. TV Globo e TV Tupy tinham uma disputa judicial por causa do Programa “discoteca do Chacrinha”, e o produtor Guilherme Araújo afirmou que a TV não fazia falta para seus artistas, pois teriam ao longo desse ano uma série de *shows* em teatros e estavam focados neste objetivo.

Julio Hungria se mostra preocupado com as produções nacionais e crítica a baixa qualidade e quantidade em comparação com produções internacionais. Critica também a forma como são administrados os direitos autorais, pois as associações arrecadoras se protegem e protegem seus pares como Rádio e TV, mas não atuam no interesse dos seus associados – os próprios compositores.

No último texto a ser discutido, “Na crise do disco, a hora do pato” (*O Pasquim*, nº 227, 06 a 12/11/1973, p.16), o autor descreve no texto a viagem desesperada dos diretores das gravadoras em busca de matéria prima para a indústria fonográfica pois a crise da escassez de petróleo gerou a falta do produto principal para a fabricação do vinil o (Cloro de Polivinila). Alerta ainda que as gravadoras sem fábrica terão suas prensagens paralisadas pelas gravadoras com fábrica, ressalta ainda que produções como discos de aulas de idiomas desaparecerão do mercado e que a produção de compactos pode ser suspensa como medida de urgência. Enfatiza que a gravação de artistas novos ficará comprometida, e que quem vai sair perdendo nessa história é a cultura e o consumidor que pagará mais caro pela aquisição de seus discos.

Julio Hungria conseguia através de suas críticas, um levantamento do panorama geral da produção musical no país. Acreditava que a música popular tinha que ser vanguardista, e fazia crítica ao mercado musical quando visava somente o lucro em prejuízo a qualidade. Essa era para ele uma preocupação constante.

Considerações finais

Levando em conta todo o levantamento de textos sobre música no jornal O ‘Pasquim no ano de 1973, espera-se ter deixado uma contribuição para futuras pesquisas. O material pesquisado está sendo compartilhado com outros pesquisadores para ajudar a compreender a produção dos críticos musicais em *O Pasquim*. Esse estudo permite compreender melhor o

período e como a sociedade o cenário musical se relacionava com o Regime Militar e com a Imprensa Alternativa.

A partir das análises realizadas nesta pesquisa, percebe-se que em relação às atividades musicais *O Pasquim* se mostrou um periódico favorável à inovação, quase de caráter iconoclasta. Embora o veículo tenha abrigado críticos mais tradicionalistas como José Ramos Tinhorão ou Sérgio Cabral, Julio Hungria se destaca como uma voz atenta a novas necessidades e formatos de produção musical, estando atento ao mercado internacional e à falta de atualização do mercado fonográfico brasileiro. Esteve atento também às tensões entre os novos artistas e as empresas que controlavam o mercado, tanto da indústria fonográfica quanto da televisão. Esta postura parece coadunar com o caráter da Imprensa Alternativa, na medida em que veículos como *O Pasquim*, ao não se preocuparem com a própria viabilidade econômica ou política, mantiveram postura mais independente e deram muito mais poder de crítica aos seus colaboradores.

Referências

IMPRENSA ALTERNATIVA: apogeu, queda e novos caminhos. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005. (Cadernos da Comunicação. Série Memória; v.13).

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

LUCA, Tânia Regina de, *Fontes Impressas. História dos, nos e por meios de periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org). *Fontes Históricas*. 2ª edição, 1ª reimpressão, Editora Contexto, São Paulo, p. 111-153, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

REJALA, Ruth Martinez. *Mescla conceptual em “O Pasquim”*. Dissertação de Mestrado, IL-UERJ, 2014.

SCHONS, Carme Regina; DAGNESE, Cinara Sabadin. “Trapaceando a língua no governo Médici: um estudo sobre o imaginário de língua pelo jornal O Pasquim”. *Linguagem em (dis)curso*. v. 11, no 1, mar-abr de 2011. p. 37–57.

SOUZA, Tárík de (org.). *O som do Pasquim*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.